



Vamos ao encontro de Jesus

Ele nos abre as portas à felicidade!

Jesus e Maria Madalena

O Senhor pergunta a cada um de nós: "A quem procuras? [...]" Para além da nossa dispersão, dos nossos múltiplos desejos, Jesus tenta, com esta pergunta, trazer-nos de volta ao único necessário, à nossa busca mais profunda, a única que pode dar sentido às nossas vidas. Mas, como Maria, devemos primeiro purificar os nossos corações, lavá-los com as lágrimas do nosso

arrependimento, tomar dolorosamente consciência da vaidade dos desejos que não vêm de Deus e não nos dirigem para Ele, antes de ouvirmos a sua voz compassiva: "Por que choras? A quem procuras"? [...]" ⁽¹⁾

Muitos dos nossos contemporâneos perderam a capacidade de reconhecer Cristo nas suas vidas. Hoje,



todos nós, de alguma forma, experimentamos esta ausência de Cristo ou pelo menos a nossa dificuldade em encontrá-lo: "não sabemos onde o colocaram". [...] ⁽²⁾

Todos nós enfrentamos provações reais: dificuldades de saúde, dificuldades da vida (na Igreja, em comunidade), provações de todo o tipo... Face a tudo o que acontece numa vida humana, a nossa relação com Cristo continua a ser uma referência e uma força? Ou será que nós, como Maria Madalena, vivemos apenas da lembrança de uma presença ausente? [...] ⁽³⁾

Embora tenhamos nos afastado de Jesus, mesmo que tenhamos apenas memórias turvas dele, mesmo que não saibamos o que aconteceu com ele, a experiência de Maria Madalena permite-nos compreender que ele está sempre presente nas nossas vidas. Ele permanece presente se, como Maria Madalena, nos lembrarmos da sua presença e lamentarmos a sua ausência. [...] ⁽⁴⁾



Diz um Salmo: “O meu coração pressente os teus dizeres: “Procurai a minha face!”. - Senhor, é vossa face que eu procuro; não me escondais a vossa face! (26, 8).

Esta linguagem manifesta a sede de uma relação pessoal com Deus, não mecânica, nem um pouco nebulosa, não: pessoal, que até o livro de Job expressa como sinal de um relacionamento sincero. Diz assim o livro de Job: “Os meus ouvidos tinham ouvido falar de Ti, mas, agora, viram-Te os meus próprios olhos” (Jb 42, 5). E muitas vezes eu penso que este é o caminho da vida, no nosso relacionamento com Deus. Conhecemos a Deus pelo ouvir dizer, mas com a nossa experiência vamos em frente, em frente, em frente e no final conhecê-lo-emos diretamente, se formos fiéis... E esta é a maturidade do Espírito.

Como se chega a esta intimidade, a conhecer Deus com os olhos? Pode-se pensar nos discípulos de Emaús, por exemplo, que têm o Senhor Jesus ao seu lado, “os seus olhos, porém, estavam impedidos de O reconhecerem” (Lc 24, 16). O Senhor abrir-lhes-á os olhos no final de uma viagem que culminará com o partir do pão e começará com uma censura: “Ó homens sem inteligência e lentos de espírito em crer em tudo quanto os profetas anunciaram!” (Lc 24, 25). Esta é a reprovação do início. Eis a origem da sua cegueira: o seu coração sem inteligência e lento. E quando o coração é insensato e lento, não se veem as coisas. Veem-se um pouco enevoadas. Aqui está a sabedoria desta bem-aventurança: para a contemplar é necessário cair em nós mesmos e dar lugar a Deus, porque, como diz Santo Agostinho, “Deus é mais íntimo de mim do que eu mesmo” (“interior intimo meo”: Confissões, III, 6, 11). Para ver Deus não é



preciso mudar de óculos ou de ponto de observação, nem mudar os autores teológicos que ensinam o caminho: é preciso libertar o coração dos seus enganos! Só este é o caminho.

Esta é uma maturação decisiva: quando percebemos que o nosso pior inimigo está muitas vezes escondido no nosso coração. A batalha mais nobre é contra os enganos interiores que os nossos pecados geram. Porque os pecados mudam a visão interior, eles mudam a avaliação das coisas, eles fazem-nos ver coisas que não são verdadeiras, ou pelo menos que não são tão verdadeiras.

Por conseguinte, é importante entender o que é “pureza do coração”. Para o fazer, é preciso lembrar que para a Bíblia o coração não consiste apenas em sentimentos, mas é o lugar mais íntimo do ser humano, o espaço interior onde uma pessoa é ela mesma. Isto, de acordo com a mentalidade bíblica.

O Evangelho de Mateus diz: “Se a luz que está em ti for trevas, quão grandes serão essas trevas” (6, 23). Esta “luz” é o olhar do coração, a perspetiva, a síntese, o ponto a partir do qual se lê a realidade (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 143).

Mas, o que significa coração “puro”? O puro de coração vive na presença do Senhor, conservando no coração o que é digno da relação com Ele; só assim possui uma vida “unificada”, linear, não tortuosa, mas simples.

Assim, o coração purificado é o resultado de um processo de libertação e renúncia. O puro de coração não nasce assim, experimentou uma simplificação interior, aprendendo a negar o mal

em si mesmo, algo que na Bíblia se chama circuncisão do coração (cf. Dt 10, 16; 30, 6; Ez 44, 9; Jr 4, 4).

Esta purificação interior implica o reconhecimento daquela parte do coração que está sob a influência do mal — “Sabe, Padre, sinto-me assim, penso assim, vejo assim, e isto é mau”: reconhecer a parte má, a parte que está enevoadada pelo mal — para aprender a arte de se deixar sempre ensinar e guiar pelo Espírito Santo. O percurso do coração doente, do coração pecador, do coração que não pode ver bem as coisas, porque está em pecado, até à plenitude da luz do coração é obra do Espírito Santo. É Ele quem nos guia por este caminho. Eis que, por este caminho do coração, chegamos a “ver Deus”.

Nesta visão beatífica há uma dimensão futura, escatológica, como em todas as bem-aventuranças: é a alegria do Reino dos Céus para onde vamos. Mas há também a outra dimensão: ver Deus significa compreender os desígnios da Providência naquilo que nos acontece, reconhecer a sua





presença nos Sacramentos, a sua presença nos nossos irmãos, especialmente nos pobres e nos que sofrem, e reconhecê-lo onde Ele se manifesta (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2519).

Esta bem-aventurança é um pouco fruto das anteriores: se ouvimos a sede do bem que habita em nós e temos consciência de que vivemos de misericórdia, começa um caminho de libertação que dura a vida inteira e nos conduz ao Céu. É uma obra séria, uma obra que o Espírito Santo faz se lhe dermos espaço para que o faça, se estivermos abertos à ação do Espírito Santo.

Por isso podemos dizer que é uma obra de Deus em nós - nas provas e purificações da vida - e esta obra de Deus e do Espírito Santo conduz a uma grande alegria, a uma paz verdadeira. Não tenhamos medo, abramos as portas do nosso coração ao Espírito Santo para que ele nos purifique e nos conduza por este caminho rumo à alegria plena. [...] ⁽⁵⁾

Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade!

(1) <http://mission.catholique.org/25878-sain>

(2) <https://catholiques17.fr/saintes/2021/07/18/22-juillet-varzay-fete-la-sainte-madeleine/>

(3) (4) Ibid.

(5) PAPA FRANCISCO - AUDIÊNCIA GERAL - Quarta-feira, 1º de abril de 2020

Oração

“Livrai-nos, ó Senhor, das impurezas do coração, da inveja, da ambição e da hipocrisia. Libertai-nos do ressentimento e dos pensamentos dúbios, de todo o espírito de cálculo e competição, de todo o comportamento agressivo e defensivo. Pois, a única forma de existir é amar e ser amado. Ó Vós que sois Luz e Transparência, que o meu coração seja como água pura na qual o céu é refletido. Que o meu olhar seja um raio de luz, e que as pessoas possam vos encontrar através do meu olhar”

(Gilbert Cesbron)

